

Malan critica previsões

■ Ministro garante que ataques especulativos na Ásia não afetam a economia brasileira

SÔNIA ARARIPE

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, afirmou ontem em palestra na Escola Superior de Guerra (ESG), no Rio de Janeiro, que é "leviano" prever a repercussão imediata para a economia brasileira da crise que sacudiu os mercados financeiros na quinta-feira, quando os ataques especulativos chegaram a Hong Kong.

"Acabamos de voltar da reunião anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, em Hong Kong. Estavam lá centenas de banqueiros, economistas e autoridades econômicas do mundo inteiro. Não dá para imaginar que o que aconteceu na Tailândia iria se repetir conosco instantaneamente. Como se estivéssemos condenados, por um designio divino, a sofrer o mesmo problema, exatamente depois. O mundo real é bem mais complexo", disse Malan. "Houve um consenso entre as pessoas que estavam no encontro de Hong Kong, que há diferenças entre as economias do mundo. Em princípio, não haveria porque pensar que, se existe um ataque especulativo aquelas economias asiáticas, o mesmo acontecerá conosco ou com outros países", afirmou o ministro.

Mas, logo em seguida, o ministro da Fazenda admitiu que em um mundo globalizado, sem fronteiras para os investimentos, não há como garantir proteção total a estes ataques especulativos. "Não existe total imunidade a todo e qualquer tipo de turbulência", disse Malan.

Velocidade - O ministro explicou que "ao mesmo tempo em que podemos dizer que nossa situação é diferente, somos forçados a reconhecer que vivemos no mesmo mundo, integrado, com enorme velocidade de ajuste, com enormes volumes de recursos e que portanto existem implicações potenciais."

O importante, completou Pedro Malan, é provar "não apenas para os gringos, mas principalmente para nós mesmos, que apesar dos problemas, da crise do déficit, estamos sendo capazes de solucioná-los ao longo do tempo. Estamos na direção e sentido certos. Temos resultados para mostrar."

E acrescentou números, muitos números, para mostrar aos militares e civis que fazem o curso da ESG o sucesso da estratégia traçada pela equipe econômica nos últimos anos. Segundo Pedro Malan, 1998 será o quinto ano consecutivo de inflação sob controle, o sexto ano de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). "Este ano deveremos crescer em torno de 4% e mais ou menos o mesmo no próximo ano", disse.

O ministro lembrou ainda que o déficit consolidado nominal no período dos últimos 12 meses até agosto foi de 4,68% do PIB. "Alguém pode perguntar se isto não é alto. Realmente é alto sim, mas nos 12 meses terminados em agosto de 96 era de 7,25% do PIB. Houve, portanto, uma queda expressiva", disse Malan. "Estamos caminhando na direção certa. Com enorme dificuldade, reduzindo o déficit, acelerando a privatização. Mas na direção certa."

Sem máxi - Pedro Malan voltou a advertir, no entanto, que ninguém deve imaginar que a política recomendada para corrigir estes déficit seria autorizar uma máximas desvalorização. "Não faremos uma máxi, nem tampouco o retorno ao protecionismo. A solução correta é que com este déficit tenha uma contrapartida é elevar a taxa de poupança doméstica em relação ao PIB."

O ministro mostrou os progressos que estão sendo feitos no ingresso de investimentos privados - "não é capital especulativo, mas sim dinheiro que vem para ficar na produção" -, especialmente através da privatização. "Teremos uma injeção enorme de recursos nos próximos três anos de pelo menos US\$ 60 bilhões", previu Malan.



André Arruda

Descartando os ataques ao real, Malan disse na ESG que não existe imunidade em tempo de turbulência